

Tancredo levou ao mundo a mensagem do novo Brasil

Humberto Netto

Nove dias depois de haver imposto fragorosa derrota ao deputado Paulo Maluf no Colégio Eleitoral, o presidente eleito Tancredo Neves deixava o País para uma viagem ao exterior, destinada a dar início ao diálogo político de alto nível com alguns dos mais importantes parceiros do Brasil. Do roteiro inicial constavam a Itália — e, inevitavelmente, uma escala no Vaticano — Portugal, Estados Unidos, México e Argentina. Em meio à programação, surgiu o convite do presidente François Mitterrand para uma esticada até à França, seguida por uma visita igualmente ligeira à Espanha. Além disso, entre a Cidade do México e Buenos Aires, Tancredo Neves decidiu aproveitar o pouso técnico em Lima para um encontro com o presidente do Peru, Belaunde Terry. Ao todo, foram mais de 15 dias de uma viagem desgastante, debaixo dos rigores do inverno na Europa e nos Estados Unidos, e uma programação capaz de levar à exaustão quase todos os acompanhantes do presidente Tancredo Neves, todos bem mais jovens que ele. A tudo o presidente eleito resistiu e, apesar de alguns escorregões cometidos nas inúmeras incursões na área da política internacional, o balanço da viagem foi plenamente positivo: ele regressou ao Brasil tendo despertado profunda admiração em todos os chefes de Estado e de Governo com quem se avistou.

Alguns dos colaboradores mais próximos do presidente Tancredo Neves fizeram todo o esforço ao seu alcance no sentido de demovê-lo da ideia de realizar de imediato esse primeiro giro ao exterior. E razões haviam de sobra para que os zelosos assessores agissem dessa forma. Em fins de janeiro, a Europa, onde o presidente eleito passaria mais de uma semana, ainda se encontrava sob os efeitos de um inverno que se situava entre os mais rigorosos nos últimos anos. Mais que ao frio, ele estaria exposto aos efeitos de uma programação em ritmo alucinante, com pouco tempo para adaptar-se ao fuso horário. Tudo isso ajudava a compor um quadro agravado pelo fato de que Tancredo Neves se dispunha a viajar sem que tivesse tempo de se refazer da estafante campanha eleitoral. Apesar de todas as evidências, na noite de 24 de janeiro passado, o presidente eleito embarcou com destino a Roma.

EUROPA

A capital italiana foi a primeira escala do ex-governador de Minas Gerais em seu periplo ao exterior. Católico fervoroso, ele próprio fez questão de receber as bênçãos do Papa João Paulo II para o seu governo. Abençoado pelo Papa, avistou-se com o presidente italiano, o carismático Sandro Pertini, e com outras autoridades. Com eles, Tancredo Neves procurou definir os contornos de um intercâmbio que certamente colocaria a Itália entre os maiores parceiros do Brasil no âmbito da Comunidade Econômica Européia.

De Roma, o presidente eleito embarcou para uma viagem sentimental a Lisboa. Em Portugal ele foi recebido com todas as honras de chefe de Estado. E também mais que em qualquer outro país por ele visitado, Tancredo deixou atrás de si um rastro de admiração. A recepção a ele prestada chegou ao auge quando a Universidade de Coimbra, uma das mais antigas e afamadas instituições culturais dos portugueses lhe concedeu o título de "Doutor Honoris Causa".

A seguir, vieram viagens-relâmpago à França e Espanha. Nenhuma delas estava prevista no roteiro original. O convite para uma esticada ao território francês foi feita pelo presidente François Mitterrand, que considerava um encontro com Tancredo Neves fundamental para que as relações entre o seu país e o Brasil deixassem o estado de letargia a que vinha sendo relegado nos últimos anos. Mitterrand recebeu Tancredo em sua casa de campo. Ali, os dois conversaram durante preciosas horas, praticamente a sós, e acertaram que o presidente francês seria uma das primeiras personalidades a visitar o Brasil a convite do idealizador da Nova República. Eles também traçaram planos ambiciosos para a cooperação franco-brasileira nos campos da cultura, das ciências e tecnologia e selaram o com-



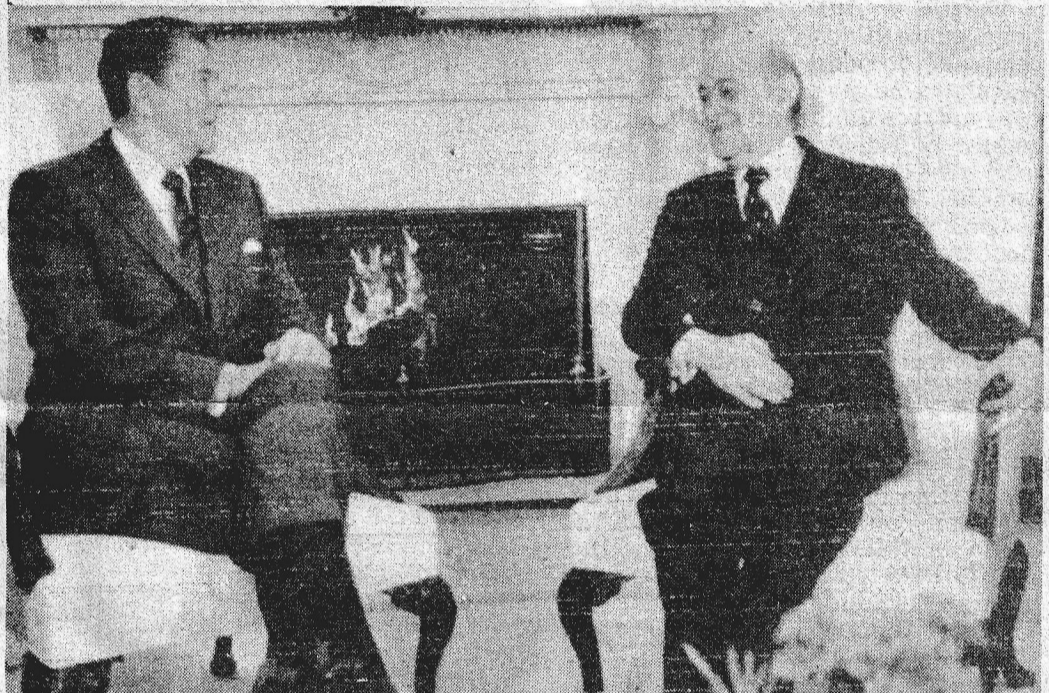
A Nova República sob as bênçãos de João Paulo II



Com Alfonsín, solidariedade latino-americana



Homenagem em Coimbra



Em Washington, Tancredo lançou as sementes de um novo relacionamento

promisso de não poupar esforços para que o intercâmbio comercial bilateral atingisse cifras mais compatíveis com o grau de avanço e o poderio alcançado pela economia dos dois países.

Mas foi em Madri, mais que em qualquer outra capital visitada pelo presidente Tancredo Neves que ele pode fazer aquilo que mais lhe dava prazer: viver, respirar, sorver política. Desde o lançamento de sua candidatura, ou até mesmo muito antes, Tancredo Neves apresentou-se à nação como autor de um irrepreensível plano de engenharia política que levou-o a suplantir o deputado Paulo Maluf como quem efetivamente competia com um "amador". Mas foi exatamente por ter consciência de que chegara a vitória sustentado por uma Aliança Democrática capaz de abrigar políticos dos mais diferentes matizes e correntes ideológicas, que Tancredo Neves jamais escondeu sua crença de que muito teria que aprender com os espanhóis, pois a experiência por eles obtida no pós-franquismo lhe seria de grande utilidade na elaboração final de seu projeto político para o Brasil. O presidente eleito procurou saber os mínimos detalhes acerca da experiência espanhola na transição de uma ferrenha ditadura fascista para um regime de plenitude democrática. Tudo perguntou sobre a mudança à espanhola: esmiuçou o Pacto de Moncloa, e deixou tudo certo para receber em Brasília o jovem e competente Felipe González, primeiro-ministro da Espanha.

ESTADOS UNIDOS

Cumpridas as etapas religiosa (Vaticano), nostálgica (Portugal), política (Espanha) do roteiro, Tancredo Neves rumou para os Estados Unidos, onde lhe aguardava a parte mais espinhosa e substantiva de sua viagem ao exterior. E acabou sendo em Washington que o presidente brasileiro prestou suas declarações mais surpreendentes e contraditórias. Ali ele disse, por exemplo, referindo-se à dívida externa brasileira, que "nossos compromissos são com os bancos. Mas não achamos que na negociação da dívida existam apenas problemas financeiros e econômicos. Existem também problemas políticos. Se chegarmos realmente diante de uma situação que não possamos dominar, então não temos outra alternativa senão apelar para soluções políticas". A afirmação, feita exatamente na casa do maior credor do país, ecoou como uma bomba. Afinal, em momento algum o governo norte-americano admitira a possibilidade de dar tratamento político à dívida.

Contudo, Tancredo não se limitou a surpreender aos interlocutores norte-americanos. E verdade que ele causou

impacto quando inverteu a tristemente célebre frase pronunciada pelo desatado chanceler Juracy Magalhães ("o que é bom para os Estados Unidos também é bom para o Brasil") e proclamou solene que "o que é bom para o Brasil também pode sê-lo para os Estados Unidos". Além disso, arrematou dizendo que "o Brasil é a nação mais amiga dos Estados Unidos. E se fortalecerem o Brasil, os Estados Unidos é que estarão sendo fortalecidos".

Nem mesmo equívocos faltaram à passagem de Tancredo Neves por Washington. "Um lamentável escorregão", foi a maneira encontrada por certos observadores diplomáticos para definir o triplice elogio dirigido por Tancredo ao seu anfitrião, o presidente Ronald Reagan. Entusiasmado — na verdade, talvez embriagado ante o sucesso alcançado através dessa primeira missão exploratória no exterior —, Tancredo Neves afirmou solene: "Gostaria de felicitá-lo por três coisas, Presidente. Pela recuperação da economia americana; pela recuperação da força moral dos Estados Unidos e pela sua reeleição". Não faltou quem dissesse, aqui no Brasil, que o presidente eleito se excedera no elogio, acima de tudo por felicitar Ronald Reagan pela "recuperação da força moral dos Estados Unidos".

Perplexidade ainda maior causou Tancredo Neves ao declarar que "nós (o Brasil) não integramos o grupo do Terceiro Mundo. Não integramos formalmente. E, pela natureza das coisas, nós somos Terceiro Mundo. Nós temos uma posição singular. Colocar a sexta ou sétima economia do mundo como Terceiro Mundo é realmente forçar muito a realidade das coisas. Mas nós temos uma solidariedade firme com todas as reivindicações do Terceiro Mundo. Nós achamos que realmente temos muito pouco a dar ao Terceiro Mundo, mas é uma necessidade manter realmente nossa solidariedade, o nosso apoio, nos colocarmos sempre ao serviço das justas reivindicações do Terceiro Mundo".

Equívocos e escorregões a parte, ainda assim, foi na capital americana que Tancredo Neves colheu os mais preciosos frutos nas duas semanas de viagem ao exterior. Inflexível, ele teve a oportunidade de expor aos dirigentes dos Estados Unidos que seu governo estava disposto a honrar todos os compromissos internacionais assumidos pelo Brasil, mas que não admitia fazê-lo à custa da recessão, da miséria e sofrimento do povo brasileiro. Seu discurso franco, aberto, sem subterfúgios de qualquer espécie foi muito bem recebido, o que fez com que o presidente deixasse os Estados Unidos levando consigo um admirável cacife para apresentar aos presidentes do México, Peru e da Argentina.

AMÉRICA LATINA

Ainda assim, mal desembarcou na Cidade do México, Tancredo Neves apressou-se em corrigir uma declaração prestada em Washington. Se na capital americana ele defendera a negociação política da dívida externa, no México, afirmou que não acreditava no êxito de negociações políticas para a solução do problema, pois sabia que os entendimentos serão travados na área econômica, entre os devedores e os bancos credores: "É nessa área que nós temos de terçar armas e colocar nossas razões argumentadas e interesses". O recuo não passou despercebido ao presidente Miguel De La Madrid, mas isso não impediu que os dois mantivessem importante troca de ideias sobre uma série de questões da atualidade internacional. Mais que isso, na Cidade do México, o presidente Tancredo Neves começou a "costurar" um ambicioso projeto político destinado a fazer com que o Brasil, México e a Argentina assumissem posições concertadas no trato de questões de interesse comum.

Do México, Tancredo Neves seguiu para a Argentina, com uma escala de duas horas no aeroporto de Lima. Na capital peruana, ele avistou-se com o presidente Belaunde Terry, a quem reiterou sua disposição de fazer do relacionamento com a América Latina a prioridade número um de seu governo. Acertados os pontos com o Peru, o presidente eleito viajou para Buenos Aires. Na capital argentina, revelou a Raúl Alfonsín que a Argentina e o Brasil são parceiros naturais, mais que isso, têm tudo para se tornarem sócios nas mais diferentes áreas de atividades. Ele aproveitou também para revelar ao presidente argentino sua disposição de fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para que a América do Sul viesse a se livrar de suas mais cruentes ditaduras, os regimes dos generais Augusto Pinochet, no Chile, e Alfredo Stroessner, no Paraguai.

Foram mais de quinze estafantes dias. Neles, se é verdade que o presidente eleito exibiu certo desconhecimento acerca de conceitos elementares em matéria de política externa (tais como Terceiro Mundo e Não-Alinhamento), não menos verdadeira é a constatação de que ele chegou a o fim da viagem com largo saldo a seu favor. Em todos os países em que esteve, Tancredo Neves marcou presença como um político habilidoso, sério e responsável. E a todos deixou bem claro que após sucessivos e inexpressivos presidentes militares, o Brasil finalmente tinha em seu comando um mandatário capaz de fazer-se respeitar, de ser levado a sério indistintamente pelos dirigentes dos países do Primeiro e Terceiro mundos.